



Hermenêutica inter-intracultural e a atualidade da experiência poético-místico-crítico-política de Dante: entrevista com Gianni Vacchelli¹

Inter-intracultural hermeneutics and the topicality of Dante's poetic-mystical-critical-political experience: interview with Gianni Vacchelli

Maria Conceição Schetino²

Gianni Vacchelli é um escritor italiano, professor, ensaísta, conferencista. Suas grandes áreas de interesse são filosofia, literatura, religião e política. Alguns de seus ensaios têm como principal objeto hermenêutico as escrituras místicas, tais como as da Bíblia, de Dante, de Panikkar, de Annick de Souzennelle e de Mario Luzi, etc., tais ensaios podemos encontrar reunidos em seus livros *Ri-leggere le scritture al crocevia di piú tradizione: hermenêutica inter-intraculturale*, Pannikar, *símbolo e liberazione* (2016) e *Per una hermenêutica simbólica: tra filosofia, religione e poesia* (2012). Grande estudioso de Dante, publicou várias obras dedicadas ao Poeta, dentre as quais citamos *L'attualità dell'esperienza di Dante* (2014), *Dante e L'iniziazione femminile* (2020), *Dante e la selva oscura* (2018), *Dante e i bambini* (2019). Seu livro *Dagli abissi oscuri alla mirabile visione* (2008) se debruça sobre a hermenêutica bíblica; dentre suas obras como narrador estão *Manitas* (2022), *La stella dell'orso* (2019), *Alice danza nella notte* (2018), *2081* (2018), *Generazioni* (2016), *Eutopia* (2013); *Arcobaleni* (2012). Em breve publicará *I Vivi (un'orestea)*, uma longa trilogia-romance em que relê a *Oresteia* de Ésquilo pela óptica das crianças.

Em comemoração aos setecentos anos da publicação da *Commedia*, e em meio a tantas controvérsias hermenêutico-teológicas sobre a presença intertextual dos textos sacros dos monoteísmos e do paganismo na sua elaboração, Vacchelli nos faz pensar no vasto campo de conhecimento que adveio dos encontros intelectuais e espirituais com o sacro poema de Dante; dentre tantas questões, artísticas e histórico-político-científicas, que possam ser suscitadas quando nos colocamos diante da imensidão de Dante, uma

¹Esta entrevista foi concedida por vídeo em 02/06/2022, transcrita e traduzida do italiano para o português pela entrevistadora.

²Mestra (2018) e doutoranda em Ciência da Religião (2019-2023) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF), tradutora e professora de italiano. Seus estudos se orientam pela interface entre literatura, religião e psicanálise, especialmente literatura italiana medieval. E-mail: mariaschetino@hotmail.com.

vai guiar nossa atenção nessa pequena entrevista com o professor Gianni Vacchelli: o que da experiência mística pode também ser encontrado no texto literário e vice-versa e como esse encontro místico-literário nasce em Dante de maneira poético-crítico-política, de modo que vemos em sua obra além de um fazer literário e de uma mística literária cristã, um fazer político-literário e também uma teologia política. Buscamos, assim, uma compreensão mais profunda da atualidade da experiência de Dante e como essa experiência poderia ser atualizada, tanto hermenêuticamente quanto empiricamente, ou seja, na própria experiência de seus leitores.

Maria Conceição Schetino (MCS): *Professor Gianni Vacchelli, primeiramente, agradeço imensamente a oportunidade desta entrevista tão cara aos estudos da religião e de Dante. Um tema recorrente em seus livros, e em suas conferências, é a atualidade da experiência de Dante, sendo tal experiência, dentre tantas perspectivas, uma experiência mística e poético-política. Nesse sentido, tendo em vista essa tríade, qual seria o principal conceito da Commedia que pode ser pensado como atual, ou pode ser atualizado, e a partir de qual princípio se daria tal atualidade?*

Gianni Vacchelli: Eu também agradeço a você pelas perguntas tão bem elaboradas e tão importantes para nós leitores de Dante na atualidade. Seguramente você tem razão, este aspecto da experiência místico-literária é sempre recorrente em meus livros. Creio que é neste aspecto que há um ponto fundamental da prospectiva dantesca, que para nós talvez seja quase impensável ou impensada, ou seja, alguma coisa que ainda não conseguimos pensar e que também ainda não foi pensada hoje. Eu sempre digo que a poesia de Dante é uma poesia místico-crítico-política, este é um pouco o nexo que eu mais desenvolvi no meu último livro. Para mim, nisto reside algo de essencial na aventura dantesca e que ressoa como atual. Mas o que significa isto? Precisamos, inicialmente, dividir estes conceitos. Então na poesia Dante está o primado da arte, porque confere um primado à poesia, à arte, ao poético. O primado do princípio da arte é um princípio oposto, por exemplo, ao princípio acúmulo, ao princípio poder, domínio, aos princípios do capital, por assim dizer, que eu sustento no meu livro *L'inconscio è il mondo la fuori*. O modo da arte, nesse sentido, é um modo de por-se diante do existente, principalmente em um poeta de altíssimo nível, como Dante, talvez o maior poeta de



todos os tempos, de qualquer forma, é um dos maiores poetas para sempre porque sua obra se traduz como uma obra de arte propriamente dita. A visão da arte é uma visão diferente porque ela está ligada à raiz do sânscrito *rtà* que está fortemente ligada à harmonia, ligada às dimensões do existir que não devem ser nunca entendidas separadamente, mas de modo harmonioso. Por isso, este ponto para mim é o primeiro a ser colocado: que em uma tradição ocidental que tem como o seu lugar favorito o pensamento sobre a arte (naturalmente estou simplificando um pouco), e que depois, ao invés, abandonou o pensamento meditante, (para lembrarmos de Heidegger) e, assim, aceitou o pensamento calculante, algorítmico, é o que Dante primeiramente nos mostrou com o seu primado da poesia, a poesia como uma modalidade inclusiva, por isso que na poesia de Dante podemos encontrar muitas coisas, porque a sua poesia não é contra o pensamento. A poesia de Dante é um pensar poetando e um poetar pensando, mas onde a raiz é a poesia. Isto me parece um primeiro ponto. De qualquer modo, Dante recupera alguns aspectos da tradição inicial do ocidente que ele talvez nem tivesse consciência, como os pré-socráticos, como Heidegger fez e outros filósofos poetantes. O primado é a poesia, a beleza, a forma, a imaginação, por isso uma poesia objetiva, uma poesia iniciática, uma poesia imaginativa. Não uma poesia subjetiva, mas uma poesia que tem a ambição de ser imagem da realidade cosmoteândrica, uma poesia da imagem da realidade trinitária. Bem, isto que acabei de dizer é apenas um pouco do que podemos dizer sobre este primado da poesia. Incluído nele está o primado místico, porque a poesia de Dante é uma poesia que tem a ambição de despertar o leitor e também é uma experiência de despertar para o próprio Dante, que quer despertar-se para o segredo da realidade *open secret*, que não é um segredo para poucos, mesmo se muitos não o vêem é porque é uma poesia que quer despertar também a profundidade da nossa natureza. Uma poesia que torna séria a lei do três, que é a trindade mística-crítica-política, é uma poesia que está interessada no nosso corpo em viagem com os outros corpos, com as nossas almas, com a nossa psique, centro dos sentimentos, das vontades, e do nosso *nous*, o nosso espírito. Dante pensa que o homem pode de qualquer modo fazer interagir estas três partes: corpo, alma e espírito (*soma, psique, pneuma*). Por isso, a poesia de Dante é uma poesia mística, porque deseja despertar-nos ao Cristo interior, àquela parte da alma que ele chama *deità* [divindade], como ele disse no *Convívio*, uma *deità* que vive dentro de nós, que existe dentro de nós, uma poesia, então, que deseja descobrir o



divino no humano e fazer de modo que o humano traga consigo o divino sobre a Terra, como uma troca constante, contínua, que interessa muito aos seus amados cabalistas, como Maimônides. É uma poesia que também é crítica, porque é uma poesia que constrói uma teoria crítica da sociedade, uso teoria crítica no sentido, por exemplo, de Adorno, Horkheimer, Buber, ambos da Escola de Frankfurt, de Eric Fromm. Poesia que sabe também ler a realidade de maneira crítica, que sabe que toda a história é marcada de sangue, como a dialética percorrida pela história dominante, como Dante nos faz ver nos filhos de Ugolino e do arcebispo Ruggieri. Uma poesia que sabe ler a realidade não apenas do ponto de vista místico, mas também crítico, assim não é apenas uma poesia que vai a fundo na interioridade mais profunda, mas uma poesia que também sabe ler criticamente a realidade. É uma poesia política porque estamos como ele diz *nel mezzo del cammin di nostra vita* [no meio do caminho de nossa vida], da grande vida, da vida inteira, imensa, que circula dentro e fora de nós e de uma poesia que, então, crê também no que há de manifestação do que já descobrimos dentro de nós como, por exemplo, de sermos filhos de Deus, das deusas, de sermos trinitários. Devemos, então, trazer isso para o nosso mundo e para a nossa realidade, devemos dar a luz à beleza e àquela participação política também. Penso que estes são três aspectos absolutamente extraordinários da aventura de Dante. Hoje mesmo pensei nestes termos um pouco, pensando um pouco o neologismo de Panikkar: *cosmoteândrico*. Pensei que a poesia de Dante seria cosmopolíticoteândrica. Tem dentro de si a comunidade, o *cos*, o *omo* é Deus, e é justamente esta a dimensão política da *Commedia*, que tem reunidas todas as dimensões da realidade. Isto segundo o que penso é o laço mais imenso e mais impensado e impensável hoje, mas nós precisamos muito dele. Pois estamos em uma idade de separação, uma idade de abstração, uma idade de pensamento único e em um capitalismo que se transforma sempre mais em um capitalismo da subserviência da biossegurança, um capitalismo que reduz a vida ao não da vida, pois se reduz apenas ao biológico da vida, à sobrevivência, como nos mostrou Giorgio Agambem. Dante, ao invés, propõe uma vida poético-místico-crítica porque apenas quando o humano é poeta, ele pode ser também místico, crítico e político e apenas assim é plenamente humano. Obviamente que quando digo poeta, digo no seu sentido mais amplo e não apenas técnico e especialístico.

MCS: *Considerando a experiência mística não apenas como a experiência mais profunda, até mesmo inconsciente, do ser, como também, em sua manifestação cristã-literária, parte de uma empiria com a palavra e com suas camadas mais subterrâneas, cuja herança hermenêutica, em parte, advém do pensamento mítico e filosófico do hebraísmo e dos êxtases politeísticos pagãos, em que o texto se faz, muitas vezes, através de técnicas de liberação e dessa liberação o encontro kairótico e kerigmático, que foi objeto de disputa, atenção e especulação de variadas correntes exegéticas, suscitando inúmeras interpretações conflitantes, das quais derivam várias religiões ou pensamentos religiosos. Nesse sentido, como você enxerga a hermenêutica literária da experiência mística na atualidade, principalmente quando defende a leitura simbólica das Escrituras? O que é o mais simbólico da experiência literária e mística de Dante (e de Panikkar), por exemplo, na perspectiva do que você chamou, em alguns de seus trabalhos, de hermenêutica inter-intracultural das Escrituras?*

Gianni Vacchelli: Esta sua segunda pergunta é muito complexa, pelo o que eu compreendo desta pergunta, talvez depois deveríamos falar mais sobre ela. Um primeiro ponto que você me propõe é como eu vejo a experiência literária e a hermenêutica mística hoje, como as ligo à questão do pluralismo religioso e do diálogo interreligioso pela leitura simbólica das *Escrituras*. Isto é muito complexo, no entanto, você coloca muito bem esta questão, é realmente uma experiência místico-literária e poética essenciais, porque se leio a Bíblia e se leio Dante de qualquer modo eu me ligo a Panikkar. Panikkar é um filósofo poeta, mais um filósofo do que um poeta. Mas se leio a Bíblia e leio Dante são experiências também artístico-literárias, Dante em sumo grau, mas também a Bíblia e Panikkar. Assim é muito importante, como eu dizia, primeiro recuperar a dimensão literária-poética-estética, que não são todos os místicos que possuem. Os místicos são poetas, no sentido próprio do termo, mas nem todos os místicos são como Dante ou como João da Cruz, existem grandes místicos que, por assim dizer, são místicos indoutos, que não são poetas e isto não tolhe as suas experiências, porém, aqui esta mística recupera algumas vezes uma visão poética, uma visão também maravilhada e gratuita, é uma visão que pensa também e se desenfolha no *entousiasmous* do endeusamento, do endeusar-se, algo que se endeusar dentro de si. Este me parece um primeiro ponto, um elemento de diálogo interessante a se redescobrir, ou



seja, como a experiência poética parte e fala de algumas experiências místicas. Depois, talvez, sempre a grande poesia tem alguma mística. Porém, me posiciono somente sobre as grandes experiências místicas, como podem ser vistas na Bíblia, em Dante, nos Vedas, que são também grandes textos poéticos e místicos. Por isso que vejo, neste primeiro ponto, retornar a valorizar a importância da palavra poética na experiência mística, sobretudo onde a palavra poética se encarna de um modo particular. Um segundo ponto, é que nisto há um valor também sobre o pluralismo religioso e sobre o diálogo interreligioso porque as místicas de todos os tipos, ou seja, a mística cristã, a mística hebraica, a mística islâmica, a mística hindú, a mística budista, a mística da América Latina, a mística do extremo oriente, a mística asiática etc, as místicas, estão dentro de uma mesma tradição e são também muito diversas entre elas, mas têm a possibilidade de dialogarem mesmo se são muito diversas entre elas, algumas se assemelham mais com outras e outras menos, por exemplo, uma mística budista que vá ao encontro do *sunyata* pode ser muito diferente de uma mística que vá ao padre, como a cristã, mas em verdade podem desenvolver juntas alguns pontos de contato, porque eu creio que as místicas são lugares importantes de diálogo, pois vão à essência do ser humano, da realidade, procuram a profundidade, são abertas a muitas dimensões, e de qualquer modo têm muita diversidade, são místicas que podem dialogar, pois as místicas corrigem alguns traços de algumas tradições, por exemplo, as místicas do hebraísmo, que você bem conhece, é uma tradição que visa muito a transcendência, porém a *Kabbalah* é um corretivo à transcendência hebraica porque também imanentiza o divino, sem nunca prendê-lo somente à imanência, naturalmente. Assim, porém, para o *sufismo*, Alá é distantíssimo, mas por outro lado o *sufi* arde de amor e se queima no fogo de Alá, que é um fogo que eles sentem dentro e fora. Assim, nesse sentido, as místicas possuem um grande caminho de diálogo sério, que pode se tornar também um diálogo que saiba falar à secularização. Eu poderia falar também de uma mística da secularização, como faz Panikkar, quando fala de uma secularização sacra, porque é uma mística muito imanente, talvez não se prendendo às religiões tradicionais, mas procura algumas coisas também mais profundas e, assim, chega também a algo que é maior do que si mesma, talvez não por vias religiosas propriamente ditas. Esta é uma pergunta um tanto complicada, não sei se me fiz entender. Vocês me dirão.



No que diz respeito à segunda parte da pergunta, sobre o que há de mais simbólico na experiência mística de Dante e de Panikkar, no sentido hermenêutico da perspectiva inter-intracultural da leitura das *Escrituras*, primeiramente, a leitura simbólica é muito importante, porque a leitura simbólica procura uma maneira de vermos juntos. Mas agora não vou me alongar nisso, porque, por outro lado, corro o risco de divagar muito. Para mim, a leitura simbólica é uma leitura que está junto com a palavra, com o sentido literal e o sentido literário e estético, e também retórico, poético, histórico e filológico. Este é um primeiro nível, o segundo nível é um nível alegórico, como diziam na tradição cristã; eu, por outro lado, o penso simbólico interior, algo que diz respeito à profundidade do ser humano, às relações que os seres humanos, com seus irmãos e irmãs e com o divino, estabeleçam com a sua interioridade. Depois, em um terceiro nível, um sentido moral, como diz Dante, e eu o chamo de sentido crítico, no sentido que disse na primeira pergunta, porque requer uma crítica da sociedade. O quarto nível é o nível místico-político ou cosmopolíticoteândrico, que tenta ter juntas essas dimensões, sem esquecer da dimensão do agir político, em seu sentido amplo, o do bem comum, o da racionalidade radical da realidade. Aqui também, segundo o que penso, este modo de ler Dante e as *Escrituras*, provavelmente, foi experimentado sobre inúmeras perspectivas, pois é algo que vai abrir a fecundidade de diálogo a partir da diferença, porque não é o caso de tornar todos iguais, mas na diferença é que se faz o diálogo. Assim, o que há de mais simbólico na experiência de Dante e de Panikkar, talvez um pouco eu disse aqui, eu interpreto ser este aspecto trinitário: corpo, alma, espírito. Este é o aspecto da poesia místico-crítico-política, isto é, ter juntas estas dimensões, o que é muito importante e carrega um significado intracultural, em que eu, por exemplo, descubro que Dante faz parte de um ocidente diferente daquele de hoje. O ocidente de hoje é um ocidente que cada vez mais se transforma em totalitário, biopolítico, do capitalismo da subserviência biosanitária, o capitalismo comunista, um capitalismo de um leviatã biomédico e extrativista, e este capitalismo é fruto de um ocidente que o concebeu sobre um desatino, não é o ocidente de Dante. Temos que recordar que o ocidente de Dante é diferente, e se eu recupero o ocidente de Dante posso mudar a história, embora esta deva ser encarnada, porque é um ocidente que estava sobre outros pressupostos. O ocidente de Dante, de Francisco de Assis, por exemplo, é muito diferente e, naturalmente, nós o perdemos, mas nós necessitamos desse ocidente. Assim, a inter-

intraculturalidade me faz descobrir nos autores da minha tradição as coisas que eu não mais vejo. A inter-intraculturalidade me faz descobrir essas coisas em você, aí no Brasil, de como essas coisas são claras para você, me faz descobrir que você, aí no Brasil, sabe que nós europeus conquistamos a Amércia e nós recordamos disso e devemos recordar sempre, porque se fazemos de conta que não recordamos, o nosso encontro seria cancelado pelo nosso inconsciente, seja por sentimento de culpa, seja por ideologia ou por tantas outras coisas. No final de sua pergunta, você me indaga sobre a minha experiência de narrador e ensaísta, uma bela pergunta. Isto me é muito caro, porque é um pequeno segredo na minha narrativa e também na minha ensaística, que é querer reunir aquelas dimensões e, sobretudo, de pensar em uma palavra que possa despertar estas dimensões em meu trabalho de poeta e escritor. Procuo uma palavra que seja uma palavra poético-místico-crítico-política, que Dante, o meu mestre e o meu autor, me ensinou quando me mostra que a poesia é um lugar privilegiado para isso. Para mim é mais importante a minha produção narrativa do que aquela ensaística, mas todas as minhas produções visam o despertar dos leitores àquelas dimensões, fazendo-os participar com o corpo, com o espírito, com a psique, e isto para mim é muito importante na minha aventura de escritor e de ensaísta.

MCS: *Uma questão sempre angustiante, e que paira sobre a cabeça dos filósofos da secularização, e dos poetas teólogos e estudiosos da religião enquanto fenômeno humano, é a questão da metafísica, afinal de contas, como superá-la no humano? Ou, melhor dizendo, como superar a visão metafísica herdada dos conflitos hermenêutico-teológicos do mundo antigo e da Idade Média? Visto que nesses conflitos já germinavam muitas das disputas do que hoje vemos entre poder secular e poder espiritual-religioso, como Dante nos alerta com a Commedia. Como você interpreta a questão colocada com Heidegger da superação da metafísica e da consequente secularização, tendo em vista a hermenêutica inter-intracultural? Qual o papel do estudo do inconsciente nesse percurso?*

Gianni Vacchelli: Esta também é uma pergunta muito importante e complexa. Começo com Heidegger, que você citou. A metafísica para Heidegger é o abrigo do ser, por isso se transforma em uma petrificação da realidade, esquecendo-se do ser. Este é o abrigo



do ser que percorre toda a metafísica, de Platão a Nietzsche. Nesse sentido, Heidegger enxerga nela uma perspectiva que continuamente exclui outros lados da realidade, daí, portanto, vemos porque ele necessita da poesia, necessita dos pré-socráticos, necessita de Holderlin, porque ele necessita procurar por um pensar poético. Eu creio que nisso ele havia razão, nós necessitamos do abrigo do ser, basta apenas ver como o ser está reduzido hoje ao capitalismo extremo e totalitário. Provavelmente, porém, Heidegger tem muita fidelidade ao pensamento, ele é um pensador. Ao invés, Dante nos ensina que essa viagem se faz com o corpo, como ele faz na *Commedia*, com o corpo presente, com o seu coração, com o seu centro, que vem percorrido no capítulo II de *Vita Nuova*, ou seja, com a mente, com o coração e com o estômago. Isto talvez seja um pouco o limite de Heidegger. Naturalmente, porém, nesta petrificação, nesta objetivação, descobriu-se que o ser é um produto também de um devastante dualismo, que você mostra, céu x Terra, poder secular x poder espiritual, vida biológica x vida política, que são divididas hoje. Uma vida política vem apenas para recuperar uma ética sanitária, mas em verdade esta não é uma óptica política, é uma óptica sacrificial, porém agora não posso desenvolver esta questão muito profundamente. O capitalismo é um sistema sacrificial, é um sistema de sacrifício para o mal, como Marx bem o viu. Você me pergunta como isto pode ser recuperado pela ótica da hermenêutica inter-intracultural. Aqui devo dizer como disse no início, Heidegger é um exemplo de um ocidente que não pensou somente no logos, mas Dante é mais audaz do que Heidegger, porém. Dante é mais amplo.

O lugar do inconsciente em tudo isso? Esta é uma questão potentíssima. O estudo do inconsciente é potencializado em várias direções que já existem, naturalmente. Tanto na descoberta de um superinconsciente, como o de um inconsciente traumático, como também de um inconsciente coletivo, de uma *âni*ma mundi, como pensou James Hillman. Mas também na descoberta de um subconsciente como pensava Saggiolo, que contém aspectos talvez mais profundos do humano e do divino. Eu creio que a *Commedia* seja também uma exploração de todos estes inconscientes: um inconsciente infernal, um inconsciente humano transformativo/purgatorial e um superinconsciente paradisíaco. Outro ponto, porém, que precisa ser descoberto, é que o inconsciente também é fora, onde está a dimensão política. Assim vemos hoje com a pandemia que o que seria uma tragédia apenas sanitária se transformou em uma tragédia também política. Todavia, em primeiro lugar, é uma tragédia política, depois é que

chega ao aspecto sanitário. Se esta tragédia sanitária aconteceu, aconteceu, sobretudo por motivos políticos, ensejados por seres corruptos e escravos da loba que Dante nos mostrou; eles são servos do poder financeiro, do poder farmacêutico, do poder meritocrático. Por isso, para mim, o inconsciente mudou-se para fora, para a política, e nós devemos descobrir esse inconsciente político, do qual fala Hillman, por exemplo, e também que eu falo no meu livro.

MCS: *Ainda sobre mística e metafísica, é possível falar em realismo na Commedia? Tendo em vista o paradoxo dantiano de um corpo vivo que invade e é invadido pela experiência do imaterial, do incognoscível, ou esse paradoxo é apenas uma metáfora, em que Dante tenta nos alertar sobre a virtualidade suscitada pela imaginação e colocada em prática na experiência literária?*

Gianni Vacchelli: Sim, absolutamente, podemos falar de realismo na Commedia. Este corpo que viaja com Dante se torna sempre mais presente nele mesmo fisicamente, mas se transforma também em um segundo corpo, um corpo de luz, não é apenas uma metáfora, seguramente, esta é uma questão glamourosa. Os dantistas se dividem, alguns pensam ser apenas uma metáfora e outros não. Mas, segundo o que penso, não é apenas uma metáfora. Como podemos saber disso? Por dois motivos: primeiro, porque a mística já fala dessa transformação do corpo, que se dá em um místico, como creio que acontece com Dante, porque ele é um poeta místico e um místico poeta. Segundo, porque é preciso experimentar com o corpo e transformar-se em algo de mais profundo, que não apenas um corpo biológico e nós podemos ter a experiência dessa transformação, eu creio que sim! Creio que a Commedia seja também um exercício de experimentar isto e isto se refere à própria prática mística, à própria prática de humanização e de divinização, por isso, segundo o que penso, a Commedia é propriamente um livro que vai nesta direção. Dante quer ir além desse corpo biológico, que hoje é invadido pela medicina, pelo fármaco, pelo controle biomédico, um corpo que hoje é o novo pasto do capital, que não controla apenas o corpo humano, mas a natureza humana, que se apodera das células, do DNA, do livre arbítrio, da vida dos corpos. Um capitalismo comunista biosanitário, este é um oxímoro usado por Giorgio Agambem, que quer mostrar este capitalismo ocidental chinês, em que também o



ocidente se estabelece e esta sempre mais se chinesizando, ou seja, a China foi ocidentalizada e o ocidente está cada vez mais se chinesizando, se tornando uma dimensão de controle e também sobre o aspecto disciplinar, porque se não fazemos como eles querem, te censuram. Então retornamos à disciplina, não apenas ao controle. É um capitalismo de controle e de retorno à disciplina: controlar, subservir e punir, para unirmos Foucault e Deleuze. Refletir sobre estes aspectos é importantíssimo, também com a via da imaginação, porque tem uma via para pensar o corpo físico e a imaginação e a superação da imaginação.

MCS: *Recentemente você publicou um importante manifesto, *L'inconscio è il mondo là fuori: dieci tesi sul capitalocene: pratiche di liberazione* (2020). Para pensarmos a atualidade das práticas de liberação contra o capitalocene, que representa o grande colapso das dimensões humanas, contra qual tese básica do capitalismo devemos lutar e qual é a principal liberação?*

Gianni Vacchelli: Sim, eu publiquei este manifesto e gosto de como você o chamou, manifesto! Então você me pergunta qual tese de fundo, isto é, o aspecto do capitalismo contra o qual lutar com maior força e qual é a principal liberação a ser feita imediatamente. Bem, digamos que publiquei este livro em 2020, quando já havíamos visto alguns meses de epidemia Covid, e quando já havíamos visto as políticas de Lockdown, embora eu deteste esta palavra, mas desta vez a uso involuntariamente. Estas políticas sempre me parecem cada vez mais desconcertantes e inquietantes, me sinto muito de acordo com um livro que li recentemente, que ainda não havia lido, de Vandana Shiva que se chama *Oneness against one percent*, [a unidade contra um por cento], mas agora não quero divagar. Mas porque, porém, eu fiz essa premissa? Porque as coisas que escrevo neste livro são todas hoje muito válidas e estão, como eu digo, atualizadas. Como eu acenava primeiro, eu creio que agora o aspecto que nós devemos combater primeiro no capitalocene, nesta nossa versão do capitalocene, que eu chamo de capitalismo da biossegurança, capitalismo sanitário, capitalismo da subserviência sanitária, capitalismo ocidental chinês, capitalismo comunista, capitalismo estatal-privado, a mim parece que o aspecto que devemos combater é aquele da conquista da nossa mente, da conquista do nosso corpo, da conquista do nosso livre



arbítrio, da superação de uma propaganda que jamais esteve tão terrível, como em nenhum outro momento da história da humanidade. Esta é uma verdadeira e própria guerra à mente, à alma e ao coração das pessoas. Levada adiante por uma oligarquia impiedosa e cega, que tomou para si o fetiche da vida, de uma vida reduzida à mera sobrevivência, levada adiante por um capitalismo que depois de haver perseguido a vida se coloca como defensor dela, como ídolos, que sempre atacaram a vida e agora se vestem com asas de anjos da luz e se mostram, assim, como protetores, como leviatãs protetores, como um leviatã bom, um bom monstro. Eu creio que o ataque tenha sido propriamente nas mentes das pessoas. De fato hoje as pessoas estão divididas, divididas em si mesmas, estão transtornadas e o ataque é nas células sinápticas e isto era já muito evidente em 2020. Eu falava, por exemplo, de um dos sete cercos infernais, da masmorra da mediocridade, mas isto que está acontecendo é mais forte. É mais forte e as pessoas estão presas também ao medo. E, assim, é necessário lutar contra isto. É preciso lutar e despertar-se desta troca que fizemos por um péssimo negócio, porque o capitalismo vende uma coisa que custa muito mais vidas do que aquilo que aparenta, é cheio de mais valia, o capitalismo vende a ideia de uma proteção de uma vida reduzida a um estágio diria quase pré-animal e, sobretudo, pede a liberdade para as pessoas, quer a liberdade das pessoas e se sente autorizado a conceder esta liberdade. A liberdade não é mais dos críticos, mas é o capitalismo que a concede. Liberdade concedida, é quase uma troca de paradigma, como explicou uma vez Giorgio Agambem, que é uma das mentes mais lúcidas, ao menos na Itália, sobre este assunto. Eu creio que, então, de qualquer modo, nós devemos combater este ataque interior, que também nós interiorizamos e, por isso, devemos iniciar a pensar sobre isso, iniciemos, pois, a raciocinar com estas cartas. Naturalmente, depois, serve a resistência factiva, a resistência do povo e nisto serve uma resistência sobre todos os planos: uma resistência de manifestação em praça pública serve uma resistência intelectual, serve que os intelectuais não alinhados, não comprados, se comuniquem entre si, se aliem ao povo e se alimentem descentemente do povo, como dizia Gramsci: os intelectuais compreendem, mas não sente, o povo sente, mas não compreende. Precisamos de um sentir e compreender comum, onde os intelectuais e o povo se reunirão. Creio que esta seja a coisa mais urgente. Para, assim, sair da grande narrativa que foi posta nisso tudo que estamos vivendo. Sair dessa narrativa ensurdecidora, angustiante, levar adiante



dúvidas, sair do pensamento único, e isto não significa negar que existam problemas ligados a esta doença viral provocada pelo coronavírus, naturalmente, mas significa compreender que esta doença se transformou em um problema político, e ao invés de compreender isso as pessoas continuam a vivê-la apenas como um problema sanitário. Então retornamos ao início da minha resposta: temos a necessidade de redescobrimos a dimensão política daquilo que nos está acontecendo porque mais uma vez a dimensão política foi ofuscada e nós a tomamos como um problema apenas sanitário. Este é um problema sanitário do qual o capitaloceno imediatamente se apoderou e ele é o responsável por tudo isso que está acontecendo, pela sua política de sentido ecológico, de ataque à natureza, pelas suas experiências genéticas, pelas suas utilizações desconecta da ciência, mas com o fim no business. O capitaloceno tem uma inacreditável responsabilidade, mas no momento no qual deixamos perder essa dimensão política, ele é subitamente impossessado. Como nos explica Dante no primeiro canto do Inferno, a loba se aninha com muitos animais, isto quer dizer que a loba, neste caso, é um emblema também do capitaloceno, se casa subitamente com todos os animais que vê, o animal do vírus, do coronavírus, independentemente de onde nasceu, existe um debate sobre isso e com hipóteses também muito inquietantes, mas deixemos isso de lado nesta entrevista. A questão é que o capitaloceno se aninhou para fazer um novo campo de conquista da nossa essência.

MCS: *Ainda em seu manifesto sobre as práticas de liberação, você diz que vivemos uma crise espiritual, qual é a principal característica dessa crise e o que Dante e outros místicos nos ensinam para que possamos superá-la? Qual é o lugar da mística nesse caminho de superação e como a literatura está, ou pode estar, presente neste lugar?*

Gianni Vacchelli: Esta pergunta se liga à pergunta anterior e agora você me pergunta sobre a crise espiritual. Certamente, vivemos uma crise espiritual, antropológica, desconcertante, assustadora, porque uma parte da humanidade está ensimesmada enquanto uma outra pequena parte provavelmente está despertando. Mas o problema é que criaram uma divisão e esta divisão é uma guerra civil. Assim, pois, o capitaloceno nos trouxe uma guerra civil no interior da população. Neste momento, aqui na Itália, existe uma guerra civil. Mas o verdadeiro responsável não é o povo, os verdadeiros responsáveis são os outros, que dividem e comandam. Porém, para, além disso, o que



pode nos dizer Dante, o que pode nos dizer a mística, que coisa pode nos dizer Panikkar? Bem, recupero um pouco o que já disse antes, a mística pode nos ensinar muito, porque a mística é uma visão harmoniosa da realidade, que carrega junto de si uma parte da realidade, enquanto isso, ao invés, este desastre aconteceu porque todas as outras partes estão separadas, porque este sistema é um sistema separatista, de abstração, ele é extrativo, extrai tudo, extrai matérias-primas, extrai sinapses, extrai dados, assim, é esquizofrênico também. É um sistema esquizofrênico, faz coisas sem saber as consequências que podem acontecer. Porém, a mística, ao invés, nos reporta uma visão mais integral da realidade, que nos leva a uma visão mais inteira da realidade, eu prefiro dizer harmoniosa do que o Oneness de Vandana Shiva, por exemplo, eu prefiro a harmonia panikkarniana, porque precisamos superar o pensamento único, precisamos dar lugar às diversas visões, às visões contrastantes que estão aqui. Por isto a mística carrega este complemento, do despertar-se à realidade harmoniosa, inteira, cosmopoliticoteândrica, esta dimensão mais profunda que esta em constante ataque e sendo cultivada na nossa natureza também divina, no nosso Cristo interior, na nossa budidade interior, no nosso atman, no que há de mais profundo dentro de nós. E nisso, no que pode servir a literatura? A literatura mística, sobretudo, de místicos como Dante, como a Bíblia, como João da Cruz, como o Vedas, como Eliot — sobre algum ponto de vista, mesmo que não haja tanto a elevação transcendente, como também Erza Pound. Esta literatura tem também a função de ajudar-nos a defender a linguagem porque o capitalismo se aninhou também com a língua e se transformou também em um capitalismo linguístico, ou seja, que conquistou a língua, muito através da propaganda. O capitalismo se apossou da palavra, no princípio era a palavra. Então ele se apoderou da palavra, dizendo que somos isto e aquilo, que somos a favor ou contra isto e aquilo, matando a palavra, e este é um outro ponto muito importante, que nós devemos refletir e devemos recuperar. Devemos recuperar a centralidade antropológica, espiritual, religiosa, para quem crê também em um aspecto religioso da palavra, e defendê-la em nós mesmos, não permitindo que nós paremos de falar, não permitir o se Heideggeriano, “se diz”, “se fala”, mas se transformar cada vez mais consciente da dimensão política da palavra, defender a política da palavra. Isto me parece um ponto muito, muito importante! Creio que os místicos, poetas, sobretudo os poetas místicos, nos ajudem nisso, nos ajudem nessa passagem. Por conseguinte,



devemos ter lealdade com o que Dante nos fala sobre a sabedoria, sobre o amor e sobre a virtude, as quais devemos pacientemente procurar em meio a estas divisões e esquizofrenias nas quais fomos induzidos a entrar. Devemos procurar dialogar, mesmo que de posições diversas, nos dando conta, porém, da neuroprogramação que estamos vivendo, nos tornando conscientes do que disse Giacomo Leopardi, um grande poeta italiano, talvez o maior poeta italiano depois de Dante, ele dizia que nós devemos construir uma corrente social para nos unirmos e lutarmos contra este inimigo cada vez mais perigoso, que é o capitalismo, assim talvez ele possa se converter, se fizermos uma resistência forte e potente, não violenta.